



O ATENEU, DE RAUL POMPEIA, E SUA RECEPÇÃO POR ARARIPE JÚNIOR NO PERIÓDICO *NOVIDADES*: CRÍTICA E BIBLIOGRAFIA

L'ATHÉNÉE, DE RAUL POMPEIA, ET SA RÉCEPTION PAR ARARIPE JÚNIOR DANS LA REVUE *NOVIDADES* : CRITIQUE ET BIBLIOGRAPHIE

Dirceu Magri*

Gabriel Akio Yokota**

* magridirceu@gmail.com

Doutor em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade de São Paulo (São Paulo – SP). Bolsista de pós-doutorado (PNPD/CAPES) na Universidade Federal de Viçosa (Viçosa – MG).

** gabriyokota@gmail.com

Graduando de Licenciatura Português-Francês no Departamento de Letras da Universidade de Viçosa (Viçosa – MG). Quanto ao presente artigo, foi responsável por recolher publicações disponíveis na Hemeroteca Digital.

RESUMO: Concebido e estruturado em dois eixos principais, este estudo visa, a partir de considerações de críticos contemporâneos como Terry Eagleton e Walter Moser, a reposicionar as análises de Araripe Júnior sobre *O Ateneu*, obra de Raul Pompeia, publicadas no periódico *Novidades*, nos anos de 1888 e 1889, sendo esta a primeira parte deste estudo. Por considerá-las seminais para a crítica pompeiana, refletimos sobre elas e incluímo-las entre o que consideramos “bibliografia de referência”, item presente no segundo eixo. Este, dedicado à bibliografia do romancista, divide-se em quatro itens: i) textos reconhecidamente referenciais para a compreensão da obra pompeiana; ii) publicações vindas à luz no ano de comemoração do centenário de nascimento do autor (1963); iii) publicações de 1995, ano de comemoração do centenário da morte do autor e, por fim, iv) publicações vindas à luz na década 2009-2019). Estas últimas, acreditamos, fornecem-nos algum parâmetro para a comprovação ou não da apreciação crítica de Raul Pompeia, sobretudo em universo acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Raul Pompeia; *O Ateneu*; Araripe Júnior; *Novidades*; crítica, bibliografia.

RÉSUMÉ: Conçue et structurée en deux axes principaux, cette étude vise, à partir d’inflexions de critiques contemporaines tels que Terry Eagleton et Walter Moser, à repositionner les analyses d’Araripe Júnior sur *L’Athénée*, l’ouvrage de Raul Pompeia, publié dans le périodique *Novidades* dans les années 1888 et 1889, ce qui est la première partie de cette étude. Pour les considérer des éléments fondateurs de la critique pompéienne, nous y réfléchissons et les incluons parmi ce que nous considérons comme une “bibliographie de référence”, élément présent dans le deuxième axe. Celui-ci, consacré à la bibliographie du romancier, est divisé en quatre parties: i) des textes de référence reconnaissables pour la compréhension de l’œuvre pompéienne; ii) les publications mise à jour l’année du centenaire de la naissance de l’auteur (1963); iii) les publications de 1995, année de la commémoration du centenaire de la mort de l’auteur (1995) et, enfin, iv) les publications qui ont vu le jour dans la décennie 2009-2019. Ces dernières, nous pensons, fournissent quelques paramètres pour prouver ou non l’appréciation critique de Raul Pompeia, en particulier dans l’univers académique.

MOTS CLÉS: Raul Pompeia; *L’Athénée*; Araripe Júnior; *Novidades*; critique; bibliographie.

1. Eagleton (1983, p. 17) conclui sua introdução afirmando “que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto popular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros”. Considerando esse trecho, notamos inegável perspectiva marxista que nele se explicita, negando o sujeito, enquanto categoria individualizada, para sobrevalorizar o social. Quando utiliza a ideia de ideologia, contudo, o crítico se deixa trair pela subjetividade denegada, uma vez que reconhece o papel flexibilizador do contexto. O viés sociológico, então, mostra sua operacionalidade, pois tende a dar conta das ‘diferenças’ sociais, sem neutralizar o jogo das ‘individualidades’ que a instância do sujeito acaba por incorporar, explicitando-se em três níveis: como produtor do discurso (autor), como leitor e como crítico.

Em *Teoria da literatura: uma introdução*, obra de 1983, Terry Eagleton, não obstante buscar definir em “O que é literatura?”¹, sob diferentes vieses, o conceito de literatura², apresenta uma constante preocupação com a linguagem, algo que, se por um lado revela pontos de partida e de fuga que não explicitam considerações específicas acerca dos gêneros literários, por outro, traz implícito um discurso, no caso, marxista, no trato da literatura enquanto objeto a ser teorizado. Nesse contexto, em certa medida, o crítico deixa de lado considerações de ordem estético-filosóficas, sem, contudo, descartar a importância, a eficácia e a relevância destas, sobretudo ao frequentar as abordagens críticas às quais a literatura é submetida.

Ao concluir por uma retórica ou teoria do discurso, Eagleton, cujo raciocínio comumente apresenta frases de efeito ao concluir seus arrazoados argumentativos, sustenta não só o “estatuto fantasmagórico da literatura” (MOSER, 1998, p. 63), mas busca sobretudo demonstrar a inexistência de uma essência do literário (em consonância ao que afirma Derrida – ver nota 4). Nessa toada, sobre o exercício crítico, ressalta o “amadorismo elegante que considera a crítica um sexto sentido espontâneo” e que teria levado “os alunos, durante décadas, a uma confusão compreensível, como também serviu para consolidar a autoridade dos que estão no poder” (EAGLETON, 1983,

p. 229), observação que julgamos compreensível, tratando-se de uma crítica de cunho marxista, mas que pretendemos não categórica, ao menos em relação à crítica de Araripe Júnior sobre *O Ateneu*, obra de Raul Pompeia.

No mais, ao relativizar a crítica que opta pela historicização do fenômeno literário (há muito considerada ultrapassada) e negar as concepções fundamentais do sujeito, do poder referencial da linguagem e dos textos literários, assim como dos discursos essenciais de valor, tanto morais quanto estéticos (constitutivos da maior parte das correntes críticas modernas), Eagleton (1983, p. 229) afirma que “se a crítica não é mais do que uma habilidade, tal como saber assoviar e chupar cana ao mesmo tempo, então ela também é bastante rara para ser preservada nas mãos de uma elite, embora bastante ‘comum’ para não exigir uma justificativa teórica rigorosa”.

Ora, consoante a assertiva de Eagleton, pode-se intuir que a crítica, habilidade universal, exibe uma organização semelhante ao conceito “luta de classes” – algo sub-reptício em seu discurso e em sua obra –, sendo este a progênie de sua matéria discursiva, uma vez que sustenta ser a crítica também estruturada de forma a apresentar interesses antagônicos e inconciliáveis entre si, razão para não “ser preservada nas mãos de uma elite”, uma vez que

2. Aqui vale lembrar a fala de Jacques Derrida (1998, p. 17; tradução nossa): “Não há uma essência nem uma substância da literatura: a literatura não é, ela não existe, não se mantém permanentemente na identidade de uma natureza, ou mesmo de um ser histórico idêntico a si mesmo.” No original: “Il n’y a pas d’essence ni de substance de la littérature: la littérature n’est pas, elle n’existe pas, elle ne se maintient pas à demeure dans l’identité d’une nature ou même d’un être historique identique à lui-même.”

ali acantonada, alia-se ao poder constituído e dissemina “valores particulares” (EAGLETON, 1983, p. 229).

Assim, ao torná-la cediça, corriqueira, destituída de dogmatismos, desloca a sua essência da crítica do texto enquanto elemento de expressão artística, ou seja, estético, para a sua recepção enquanto produto transmissor de ideologia. Ao fazê-lo, porém, instaura o deslocamento do leitor crítico, dito erudito e supostamente pertencente a uma elite intelectual que assovia, para o leitor comum e chupador de cana. Este, também passível de produzir crítica a partir do seu ponto de vista “bastante comum”, não obstante, deve desvelar certa “justificativa teórica rigorosa”. Uma vez que os interesses são inconciliáveis, recomenda-se o abandono de um olhar amplo e extenso, algo hegemônico na apreensão e explicação do fenômeno literário, haja vista o risco de a análise, em sua complexidade, resultar em uma visada parcialmente prejudicada pela simultaneidade do olhar de uma crítica que assovia e chupa cana ao mesmo tempo – imagine-se um crítico humanista, imbuído da concepção de um eu individual atomístico e de um discurso valorativo em termos morais e estéticos, portanto generalista, alguém que Eagleton critica por considerá-lo universalista demais e insensível às causas específicas e aos movimentos sociais e geopolíticos.

Ainda, segundo Eagleton (1983, p. 218), “a crítica literária seleciona, processa, corrige e reescreve os textos de acordo com certas formas institucionalizadas do ‘literário’ – normas que são, num dado momento, defensáveis, e sempre historicamente variáveis”. Tratando-se de Raul Pompeia, parece-nos, a crítica exibiu – e exhibe – conformidade ao pensamento de Eagleton, mostrando-se ora “rara” para ser preservada nas mãos de uns poucos, ora “bastante comum para não exigir uma justificativa teórica”, qual seja, quase sempre rigorosa, porém oscilante entre o assoviar e o chupar cana, processando e “tentando” corrigir e reescrever o texto³ não no sentido de explorar o pensamento crítico de Pompeia a partir de sua expressão artística, isto é, os aspectos estéticos de sua escritura, mas buscando tão somente encaixá-lo nesta ou naquela tendência literária.

É senso comum, afora classificá-lo como autor de uma obra só, o embaraço que o romancista provoca ao não se deixar “encaixotar” passivamente nas formas deste ou daquele movimento literário. É constrangedor, no caso de Pompeia, reconhecer sua excentricidade, o caráter estético de sua obra, irreduzível à metafísica, enfim, a soberania de sua alma solitária, sobretudo para uma crítica que recusa ao texto não só a sua literariedade, mas também o autor, seu poder imaginativo e a validade dos discursos

3. Usamos “texto” (singular) porque a crítica se debruça majoritariamente sobre *O Ateneu*, ignorando no mais das vezes seus contos e poemas em prosa, por exemplo.

tradicionais. Não é exatamente o caso de Afrânio Coutinho, mas, ainda assim, o crítico figura entre aqueles que não absorvem em sua totalidade a estranheza imposta pela literatura de imaginação pompeiana. Exemplo disso, dentre tantos outros, é o início do capítulo dedicado a Raul Pompeia, parte integrante de *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho⁴:

A exemplo de Manuel Antônio de Almeida, com quem partilha a singular fortuna de subsistir vigorosamente como romancista por causa de um só livro, Raul Pompéia é outro escritor impermeável a classificações literárias. Parnasiano? Realista? Naturalista? Psicologista? Impressionista? As diferentes classificações que lhe têm sido atribuídas evidenciam a complexidade do artista (COUTINHO, 2004, p. 174-175)

O introito de Coutinho revela-nos a posição majoritária da crítica diante da complexidade, da estranheza e da originalidade apresentadas em *O Ateneu* (1888), sobretudo se o compararmos a *Uma tragédia no Amazonas*, obra de 1880. Haja vista a “crônica de saudades” de Pompeia desafiar qualquer classificação, nela não só confluíram várias das tendências que atravessavam o panorama literário oitocentista, como revelou-se espaço para a materialização de rasgos de um eu profundo, essência e interioridade que sobrepujaram as ideias disseminadas na sociedade

de sua época, integrando-se à escrita como crítica ácida e, o mais importante, revestidos de um verniz cujos matizes, face à mistura de cores, revelam-se complexos e problematizam definir a que universo artístico-literário pertence Pompeia. Entre assoviar e chupar cana, aos poucos a crítica foi-se alinhando em busca de uma unicidade: ora destacando o elemento autobiográfico entremeado à crítica social, ora tentando explicar o postulado de sua expressão artística, colocando-o como afiliado aos irmãos Goncourt, ora comparando-o a Lautréamont. Dentre as diferentes abordagens às quais *O Ateneu* foi submetido, sempre buscou-se imprimir certo rigor crítico, afinal, assoviando ou chupando cana, a crítica, para se constituir como tal, consoante Eagleton, demanda rigorosa “justificativa teórica”.

Se o elemento autobiográfico surge como espinha dorsal da crítica pompeiana, vale ressaltar que parte dela busca por desvios tentando adaptar-se às correntes críticas praticadas ao longo do século XX, por exemplo. Tal é o caso de Othon M. Garcia, que, em *Comunicação em prosa moderna*, procura esmiuçar a técnica narrativa de Pompeia, expondo-a reiteradas vezes. Para Garcia (2010, p. 75), os “exemplos de Raul Pompéia são modelares, dignos de imitar”, confessando que o autor nos apresenta um exemplo de *período tenso*. Contudo, ao esboçar uma

4. Afrânio Coutinho organizou a série *Obras de Raul Pompeia* em 9 volumes, em que compilou textos publicados em diferentes periódicos oitocentistas; editada pela Editora Civilização Brasileira nos anos de 1980, hoje encontra-se fora de catálogo.

crítica em busca das estruturas narrativas de Pompeia, Garcia esbarra na esfinge pompeiana e deixa-se enredar pela hesitação e pelo desejo de “encaixotar” Pompeia em uma escola ou movimento estético-literário ancorado na definição de Alonso e Lida (1956)⁵, definindo, portanto, Pompeia como *expressionista*. E, dessa forma, integra-se à genealogia crítica das múltiplas e discrepantes classificações que o autor recebeu ao longo do tempo.

Nesse contexto, mais que comentar visadas à obra de Pompeia, este estudo busca levantar parte da fortuna crítica dedicada ao autor, uma vez que até mesmo o *site* da Academia Brasileira de Letras, da qual Pompeia foi Patrono (Cadeira 33), não exhibe mais que quatro obras dedicadas ao autor, em sinal de evidente desatualização. Porém, tratando-se de um escritor que compõe o panteão da literatura brasileira, reiteradamente lembrado ao lado de José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac e tantos outros que, cientes ou não, tomaram parte de um projeto de construção da identidade nacional brasileira, fatores de uma literatura, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, dissociada da portuguesa, Pompeia é pouco visitado.

De um lado, a pecha de ser autor de uma obra só, de outro, a baixa qualidade artística de *Uma tragédia no*

Amazonas, romance de enredo previsível, permeado de clichês e metáforas surradas, de maneira que, além d’*As joias da Coroa* (1882) e das *Canções sem metro* (1881), pouco exploradas, restam apenas a *Carta ao autor das ‘Festas nacionais’* (1893) e outros escritos (alguns inconclusos), que jazem em ostracismo absoluto, sobrando, portanto, o perfil do militante republicano e abolicionista, marcado por certa animosidade que, convenhamos, não era compreendida por todos.

Este trabalho, haja vista tratar-se de um artigo, não pretende atualizar a crítica ou bibliografia pompeiana, ainda que este seja um projeto que urge ser levado a cabo, mas suscitar alguma reflexão. Se compararmos Pompeia a Machado de Assis, por exemplo, autor cuja fortuna crítica nos últimos cinquenta anos revelou-nos um novo Machado, dada a mudança radical que o levantamento e a valorização de aspectos desprezados em seus escritos provocou, Pompeia, pode-se afirmar, transformou-se em um oximoro da nossa literatura: iluminado, sob os holofotes, quando se elencam os principais autores da literatura brasileira oitocentista; obscuro e à sombra, nas vezes em que se tem que optar entre o assoviar e o chupar cana.

Por isso, a título de esclarecimento, estabelecemos quatro pontos de partida para trazermos à luz o que se tem

5. “O impressionista se refere ao motivo ou estímulo ocasional, o expressionista ao mundo interior; experiência objetiva e sua penetração subjetiva. Impressão é a percepção do objeto como tal; a expressão se refere ao que minha alma lhe empresta. De fora para dentro, de dentro para fora.” (ALONSO; LIDA, 1956, p. 159).

produzido sobre o autor, sendo eles: i) bibliografia basilar, que incluem textos reconhecidamente referenciais para a compreensão da obra pompeiana; ii) publicações vindas à luz no ano de comemoração do centenário de nascimento do autor (1963); iii) publicações de 1995, ano de comemoração do centenário da morte do autor e, por fim, iv) publicações vindas à luz na década 2009-2019. Estas últimas, acreditamos, fornecem-nos algum parâmetro para a comprovação ou não da apreciação crítica de Raul Pompeia, sobretudo em universo acadêmico. Contudo, demorar-nos-emos somente na crítica de Araripe Júnior, a primeira e seminal, a partir da qual todas as outras, em um momento ou outro, fazem a ela remissão.

I) BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

A. ARARIPE JÚNIOR

Entre 6 de dezembro de 1888 e 8 de fevereiro de 1889, Araripe Júnior publica no *Novidades*, periódico carioca, uma longa análise ao *O Ateneu*, denominada “Raul Pompéia – *O Ateneu* e o romance psicológico”⁶. O que se enuncia como uma crítica psicológica, centrada na personalidade do autor, mais que nas condições sociais e no espírito da época, revela-se uma análise marcada por termos cientificistas e evolucionistas, permeada por arrazoados extraídos do Naturalismo e do Darwinismo, correntes

que estavam em voga à época. Se, por um lado, as considerações de Araripe Júnior destacam uma concepção da arte como êxito de uma personalidade psicologicamente excepcional, algo, digamos, primevo na circulação das ideias literárias; por outro, suas interpretações espelham o seu tempo histórico, o que confirma as assertivas de Eagleton, especialmente quando este sustenta que a literatura e a crítica trazem marcas de seu tempo. Araripe Júnior, portanto, não diferiu de qualquer outro crítico de sua época, pois, consoante Bosi (2000, p. 17), em um primeiro momento foi até mesmo além de Sílvio Romero e José Veríssimo, encarecendo “o fator ambiente na tríade de Taine”, uma vez que estes, “sempre que convinha ao seu brasileirismo”, amenizavam “o fatalismo racial”.

Considerado um tanto eclético, o que acaba por singularizar Araripe é o fato de ele se abrir às correntes estéticas do fim de século e “problematiza[r] o nexos entre o indivíduo e a sociedade”, valendo-nos da expressão de Bosi (2000, p. 18). Tratando-se de *O Ateneu*, como sustenta Bosi, ele soube intuir o caráter violento, no limite do trágico, que a agressividade e a opressão do darwinismo social encerravam nas entranhas da educação “mais avançada” do país. Em seu ensaio sobre *O Ateneu*, portanto, a crítica, traduzida em termos da nova ciência e das ideias que regiam o fim de século, emerge não como um juízo de valor

6. A crítica foi publicada em 21 dias (6, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 20, 21, 24 e 26 de dezembro de 1888; 9, 11, 14, 17, 19, 22 e 31 de janeiro de 1889; 6, 7 e 8 de fevereiro de 1889) e trouxe como título “Raul Pompeia – *O Ateneu* e o romance psicológico”. Dividida em três tópicos, o primeiro trazia o subtítulo de “O Maquinista” (6/12/1888); o segundo, “A Máquina” (21/12/1888); e o terceiro, “Auto-intoxicação psíquica. Arte. Máquinas de sensações de ordem objetiva e de ordem subjetiva. Pânico literário de Raul Pompéia. Estilo” (14/1/1889), sendo que as partes publicadas entre um subtítulo e outro traziam apenas um asterisco, além da data.

que escapa ao gosto particular e veicula pressupostos de certos grupos sociais empenhados em exercer e manter o poder sobre outros, mas como mecanismo de denúncia contra uma hierarquia de opressão, notadamente por se revelar circunscrita aos caracteres individuais, agindo sobre eles enquanto força modeladora do meio, portanto, combativa.

Em seu ensaio, a título de prefácio, Araripe Júnior destaca em seis parágrafos o percurso que o leitor deve seguir para a compreensão de seu estudo. Neles, de pronto, pode-se intuir que seu raciocínio não só se manifesta em consonância com as correntes filosóficas que ditavam o conhecimento no século XIX, mas pode ser perfeitamente discutido à luz das correntes críticas que se propagaram ao longo do século subsequente, tal a densidade que apresentam: i) “a obra de arte é uma *máquina* de emoções” (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p. 127 – grifo do autor): a partir de um oxímoro, o crítico transfere o *status* ontológico e substantivo do artista enquanto sujeito para o objeto, a obra. Ao fazê-lo, esta é antropomorfizada – uma máquina que se emociona – e ganha protagonismo, pois torna-se ela própria a geratriz de sentimentos, transmissora de uma leitura dos mundos interior e exterior do artista que, no caso, já é dispensável, (um pensamento estruturalista *avant la lettre*, se considerarmos, por exemplo, “A morte

do autor”, de Barthes); ii) “há uma *perspectiva interior* que todo o artista procura reproduzir no espírito de outrem” (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p. 127 – grifo do autor): neste item, Araripe Júnior lograria ótima matéria crítica a Eagleton, haja vista a ascendência do artista nos espíritos alheios, algo que na perspectiva crítica marxista é no mínimo condenável, não só porque esta considera o discurso crítico humanista destituído de qualquer consciência ou pressupostos teóricos, mas sobretudo porque repudia as concepções fundamentais do sujeito, quer seja este o autor ou a sociedade/entidade que ele representa. Neste quesito, a assertiva de Araripe Júnior mostrar-se-ia um ‘prato cheio’ para a crítica eagletoniana, uma vez que essa *perspectiva interior* do artista agindo e se reproduzindo sobre “outrem” poderia muito bem estar comprometida com um eu atomístico que multiplica o *ethos* econômico (por que não?) de individualismo possessivo do capitalismo (FREADMAN; MILLER, 1994, p. 12)⁷, e também porque poderia “consolidar a autoridade dos que estão no poder” (EAGLETON, 1983, p. 229); iii) “Essa reprodução não se pode fazer, na arte escrita ou falada, senão pela ordem direta do discurso; daí uma *sintaxe superorgânica*, alma de todo o livro ou peça literária” (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p. 127 – grifo do autor); e iv) “Os órgãos capitais dessa sintaxe são o *acento periodal* e a *elipse interior*; é por meio deles que conseguem exercer a sua ação especial

7. Sobre a questão, Freadman e Miller (1994, p. 12) afirmam: “O compromisso com o eu atomístico executa essa função no que diz respeito ao *ethos* econômico de individualismo possessivo do capitalismo; os discursos de valor executam a mesma função no que diz respeito ao *status quo* social: argumenta-se que tais discursos asseguram que os julgamentos – morais, políticos, estéticos – serão feitos do ponto de vista dos beneficiários do *status quo*, e não por aqueles que desejam desafiá-lo, ou por aqueles que poderiam lucrar com esse desafio.”

os temperamentos, que mais geralmente se dividem em *subjetivistas* e *objetivistas*” (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p. 127 – grifos do autor): primeiro, atenhamo-nos ao item iii, em que Araripe trata da condição epiorgânica⁸ da reprodução na arte escrita ou falada, de uma *perspectiva* interior que, intuímos, é subjetiva, haja vista ter sustentado anteriormente o caráter emotivo da arte. Porém, ao fazê-lo, condiciona tal reprodução a uma “ordem direta do discurso” e a uma “sintaxe superorgânica”, donde podemos intuir sub-repticiamente um raciocínio estruturalista tal como o entendemos hoje, isto é, a crença de que “as unidades individuais de qualquer sistema só têm significado em virtudes de suas relações mútuas” (EAGLETON, 1983, p. 101), até mesmo porque no trecho de sua análise, publicado em 20/12/1888, Araripe Júnior, sobre Pompeia e *O Ateneu*, afirma:

Espírito analítico e positivo, quanto ao que diz respeito às coisas destacadas, o romancista d’*O Ateneu* é capaz de impressionar-se e de experimentar uma sensação profunda diante de qualquer canto da paisagem, de um personagem isolado agindo sobre outro do primeiro espécime da fauna ou da flora que lhe apareça, de um tique característico da índole deste ou daquele indivíduo que por acaso caia no campo de sua exploração visual (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p. 145).

A esse olhar de míope, característico de Machado, Araripe agrega uma ideia que só bem mais tarde seria desenvolvida no âmbito literário pelos estruturalistas, qual seja, a de que “o significado de cada imagem só existe em relação às outras imagens”, e “as imagens não têm um significado ‘substancial’, apenas um significado ‘relacional’” (EAGLETON, 1983, p. 101), algo que Araripe denomina *sintaxe superorgânica*, donde a característica *epiorgânica* da escritura pompeiana por nós intuída, condição para a sua compreensão. Já o item iv exhibe como antecedentes e constitutivos necessários da *superorganicidade* o *acento periodal* e a *elipse interior*, isto é, ao mesmo tempo em que a representação da interioridade se dá em nível expandido, por meio de associações de imagens e aspectos, sejam de natureza interior, sejam exterior, a(s) sensação(ões) em Pompeia, consoante Araripe Júnior,

torna[m]-se completamente negativa[s]. O seu espírito não pode vibrar; a sua fosforização cerebral extingue-se, apaga-se; e o artista, na angústia que lhe causam essa ausência do sentimento do conjunto e a presença da abstração incômoda, aflitiva a toda a alma poética, passa a construir uma fórmula que seja capaz de dar unidade às concreções anteriormente obtidas pela sensação analítica (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p. 145).

8. Neologismo que julgamos necessário, uma vez que Araripe Júnior destaca a “sintaxe superorgânica” da escritura pompeiana, o que nos remete à rubrica do âmbito da ecologia, qual seja, ao grupo de organismos individuais, mas que só sobrevivem coletivamente como uma entidade organizada, como um superorganismo – caso das abelhas.

Isto posto, compreendem-se a *elipse interior* aventada por Araripe Júnior e a ação exercida pelos “temperamentos” na alma do poeta/escritor, os quais se dividirão entre *subjetivistas* e *objetivistas*, em razão do “lugar” em que as emoções são descritas na arte escrita ou falada, quer seja no âmbito do acento periodal (quando seriam subjetivistas), quer seja no âmbito da elipse interior (quando seriam objetivistas).

Tratando-se ainda dos requisitos para a compreensão de seus artigos, no item v Araripe Júnior menciona o estilo, aspecto de fundamental importância na crítica moderna: “O estilo é a resultante, em parte imprevista, do *conflito* entre o temperamento de cada indivíduo e o mecanismo das formas literárias já criadas por um povo, por um grupo ou por uma escola” (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p 127 – grifo do autor). No domínio da especulação, neste quesito, Eagleton certamente iria de encontro ao crítico humanista, haja vista Araripe Júnior, em seu jogo retórico máquina-homem, privilegiar o estilo, qual seja, a fatura artística presente na obra, considerando-o resultado de um *conflito* individual em processo de enfrentamento com a *forma* já estagnada pela tradição literária. Vale ressaltar que mais uma vez o crítico se pauta, na construção da imagem, pelo oxímoro, uma vez que a afluência do estilo na escrita advém de algo muito particular e humano,

passível de instabilidade, quiçá descontrole, ao passo que a forma, à qual as emoções se conflitam, revela-se rígida, razão pela qual talvez a crítica, àquela época marcada por certo racionalismo, já pretendesse “encaixotar” o autor.

Por fim, no item vi, no intuito de sintetizar o que previra como hipótese para sua análise, Araripe Júnior coaduna todos os itens anteriores às ideias de Spencer, afirmando: “Não é impossível reduzir todos êstes princípios à lei que os gramáticos denominam de *menor esforço*, e que Spencer, na mecânica mental, designa sob o nome de *economia das funções*.” (ARARIPE JÚNIOR, 1960, p 127 – grifos do autor). Araripe, ao delinear a obra de arte, ajusta a expressão artística à lei do menor esforço, algo que os gramáticos definiram como próprio da linguagem em razão das sucessões de metaplasmos que nela ocorrem, ou seja, a lei do *menor esforço* emerge como lei universal uma economia fisiológica que está em todos os ramos da atividade humana, portanto passível de ser aproveitada na arte (na escritura pompeiana) em proveito da clareza e da expressão. Ao associar a arte (escrita ou falada) à lei do *menor esforço* que, por sua vez, é juxtaposta à *economia de funções* apregoada por Spencer, intuímos que o crítico busca fundamentar seu raciocínio na ideia aventada por Spencer ao tratar da função social, em que a sociedade é vista como um organismo vivo onde cada parte tem uma função (semelhante

à biologia). Ao fazê-lo, não podemos nos esquecer que no item ii Araripe tratara da *sintaxe superorgânica*, algo diante do qual podemos inferir um raciocínio estruturado a partir das ideias em circulação à época, quando muitos funcionalistas sustentavam que as instituições sociais eram (ou são) funcionalmente integradas, no intuito de formar um sistema estável, fenômeno que fora denominado por Durkheim como *analogia orgânica*. Sintetizando os arrazoados de Araripe Júnior e transpondo-os à arte escrita e falada, como exposto, podemos inferir algo do pensamento estruturalista posterior, em que o sistema só adquire significado a partir de suas relações mútuas. Disto isto, esperamos ter esclarecido o porquê de termos pretendido excessiva a afirmativa de Eagleton, quando este afirma ser a crítica humanista instrumento de consolidação da “autoridade dos que estão no poder” (EAGLETON, 1983, p. 229), o que vemos bastante relativizado, ou quiçá, não se aplica ao Araripe Júnior crítico de *O Ateneu*.

Na sequência, continuamos com a apresentação da relação de bibliografias de referência para a compreensão da obra pompeiana, inclusive o ensaio já citado de Araripe Júnior:

ALMEIDA TORRES, Artur de. **Raul Pompeia**: estudo psicoestilístico. Niterói: Waldeck, 1968.

ANDRADE, Mário de. Raul Pompeia – **O Ateneu**. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Aurélio (Org.). **O romance brasileiro de 1752 a 1930**. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1952. (Republicado In: ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1943).

ARARIPE JÚNIOR. Raul Pompeia, **O Ateneu** e o romance psicológico. In: **Obra crítica de Araripe Júnior**. v. II. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1960. p. 125-177.

_____. Raul Pompeia como esteta. In: **Obra crítica de Araripe Júnior**. v. III. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1963. p. 257-264.

ARAÚJO, Regina Lúcia de. **Raul Pompeia**: jornalismo e prosa poética. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

ATHAYDE, Tristão de. Política e Letras. In: À margem da história da República. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924. p. 238.

BOSI, Alfredo. **O Ateneu**, opacidade e destruição. In: **Céu, Inferno**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 51-86.

BROCA, Brito. **Raul Pompéia**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CASTELO, José Aderaldo. Raul Pompéia, **O Ateneu** e o romance modernista. In: **Anhembi**, SP, IV, n. 45, agosto 1954, p. 472-482.

CASTRIOTO, H. Raul Pompéia, predecessor de Freud. In: **Rev. Acad. Fluminense Letras**, I, out. 1949, p. 139-143.

COELHO NETO. Reminiscências. In: **Frutos do Tempo**. Bahia: Catilina, 1919. p. 5-18.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil**. Direção Afrânio Coutinho; Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 7ª ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Raul Pompeia**: coletânea organizada por Eduardo F. Coutinho [e] Mônica Amim em convênio com o Centro de Estudos Afrânio Coutinho. Foz do Iguaçu: Edunila, 2016.

GAMA, Domício da. Elogio de Raul Pompéia. In: **Discursos acadêmicos**. v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. p. 51-60.

GOMES, Eugênio. **Prata da casa**. Rio de Janeiro: A Noite, 1953.

_____. **Aspectos do romance brasileiro**. Bahia: Progresso, 1958.

_____. **Visões e revisões**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

HEREDIA, José López. **Matéria e forma narrativa d’O Ateneu**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1979.

IVO, Ledo. **O universo poético de Raul Pompéia**. Rio de Janeiro: São José, 1963.

_____. **A vida inquieta de Raul Pompeia**. Rio de Janeiro: Livraria São Jose, 1963.

LINHARES, Temístocles. **Raul Pompéia**: trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 1958. (Nossos Clássicos.)

MADEIRA, Marcos Almir. **Modernidade e psicanálise na obra de Raul Pompeia**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1999.

MARTINS, Luís. O mistério Ateneu. In: **O Estado de São Paulo**, 19 jun 1965, p. 33 e 26 jun. 1965, p. 37.

MARTINS, Wilson. Jóias da literatura. Suplemento literário. In: **O Estado de São Paulo**, 7 junho 1962, p. 2.

_____. Arredores de Pompéia. In: **O Estado de São Paulo**, 15 fev. 1964, p. 40.

MELO, Virgínius da Gama. O ser e querer ser em **O Ateneu**. In. **O Estado de São Paulo**, 07 mar. 1964, p. 40.

_____. O tema e a tese em **O Ateneu**. In. **O Estado de São Paulo**, 21 mar. 1964, p. 44.

PLACER, Xavier. O impressionista em Pompéia. In: **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 27 out. 1963, p. 22.

PERRONE, MOISÉS, Leyla (Direção e Org.). **O Ateneu: retórica e paixão**. São Paulo: Brasiliense; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PONTES, Elói. **A vida inquieta de Raul Pompéia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

RAMOS, Maria Luísa. **Psicologia e estética de Raul Pompéia**. Belo Horizonte: s/e, 1958.

RODRIGO OTÁVIO. Raul Pompéia. In: _____. **Minhas memórias dos outros** (1ª série). Rio de Janeiro: J. Olympio, 1934. p. 253-305.

ROIG, Adrien. **O Ateneu** de Raul Pompeia ou le huit clos dans le roman. In : **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, v. 37, 1981, p. 117-138.

SÁFADY, Naief. Direito e Avesso. In: **O Estado de São Paulo**, Suplemento Literário, 17/08/1963, p. 9.

SANTIAGO, Silviano. **O Ateneu**: condições e perquirições. In: **Minas Gerais**, Supl. Lit. 12 out., 2 nov. 1968, p. 66-102.

TORRES, Artur de Almeida. **Retrato psíquico de Raul Pompéia**. Niterói: s/e, 1967.

_____. **Raul Pompéia**: estudo psicoestilístico. Niterói: s/e, 1968.

II) PUBLICAÇÕES EM COMEMORAÇÃO AO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO AUTOR (1963)

CARPEAUX, Otto Maria. A propósito do centenário de Raul Pompéia. In: **Diário do Rio de Janeiro**. Suplemento **Leituras**, Rio de Janeiro, abr.-mai. de 1963, p. 10-16.

CAVALCANTI, Valdemar. Jornal literário – centenário do nascimento de Pompéia. In: **O Jornal**, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1963, p. 2.

HOLANDA, Nestor de. Outras telhas. In: **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 de abr. de 1963, p. 1.

IVO, Lêdo. O portão do colégio. In: **Suplemento Literário**, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1963, p. 3.

NASCIMENTO, Esdras de. Livros. In: **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 15 de março de 1963, p. 8.

PEREZ, Renard. O mundo de Raul Pompeia. In: **Leitura**, Rio de Janeiro, abr.-mai de 1963, p. 12-17.

PIRES, J. H. Mundo dos Livros – Centenário. In: **Diário da Noite**. São Paulo, 12 de abril de 1963, p. 10.

HOMENAGEM A RAUL POMPEIA. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 05 de abril de 1963, p. 6.

HOMENAGEM A RAUL POMPEIA. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, abril de 1963, p. 3.

III) PUBLICAÇÕES EM COMEMORAÇÃO AO CENTENÁRIO DA MORTE DO AUTOR (1995)

MEMÓRIA. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 27 de dez. de 1995, p. 18.

HOMENAGEM A RAUL POMPEIA. **Poesia Sempre**, Rio de Janeiro, out. de 1995, p. 301-310.

IV) PUBLICAÇÕES VINDAS À LUZ NA DÉCADA 2009-2019

ALEXANDRE, Kleber. A “Sarabanda Melancólica” de Pompeia: Vestígios Musicais - Propaganda e Contágio em **O Ateneu**. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes**, UNIGRANRIO, v. 1, n. 15, 2017, p. 308-332.

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Os castigos corporais na escola nos discursos narrativos nas obras de Machado de Assis, Manoel Antonio de Almeida e Raul Pompéia. In: **III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista**, São Luís, jun. 2013, p. 24-45. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/oitocentista/cd/ARQ/32.pdf>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão Alencar de. **O Ateneu e o Romance Psicológico**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2013.

ARAÚJO, Francisco Magno Silva de. As ruínas barrocas d’O Ateneu, ou da estética do romance. In: **Anais do VI Colóquio de Estudos Barrocos, I Seminário Internacional de Arte e Literatura Barroca**, Natal, nov. 2010, p. 253-277.

ARAÚJO, Francisco Magno Silva de. **O Ateneu e a nostalgia da forma**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

_____. **A nostalgia da forma poética do romance**: alegorização barroca e tradição retórica n’O Ateneu de Raul Pompéia. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

ARAÚJO, Gilberto. Raul Pompeia e o poema em prosa no Brasil. In: PINHEIRO, Luis da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques (Orgs). **A Belle Époque Brasileira**. Lisboa: CLEPUL, 2012. p. 125-133.

ÁVILA, E. A. C. **O Ateneu**: notações sobre a condição do interno, do inter-nato e da formação (Bildung). In: **Revista Discente do CELL**, n. 0, p. 61-68, jan.-jun. 2010.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **A pedagogia do sexo em O Ateneu**: o dispositivo de sexualidade no internato da fina flor da mocidade brasileira. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

BENELLI, Sílvio José. O internato escolar **O Ateneu**: produção de subjetividade na instituição total. In: **Psicologia USP**, 14(3), p. 133-170.

BERCHO, Carolina Fuzaro. **Higienismo e educação nas páginas de O Ateneu**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

BOTOSO, Altamir. **O romance de formação em Raul Pompeia e Fernando Namora**. Catu: Bordô-Grená, 2020.

CANDIDO, Weslei Roberto; PEREIRA, Gabriela de Castro. Os vestígios da biografia em **O Ateneu**, de Raul Pompeia: as marcas de um “pacto autobiográfico”. In: **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 10, 2017, p. 18 - 39.

CARNEIRO, Rui. Adolescer agrilhado? Visões do internato n’**O Ateneu** de Raul Pompeia e nas **Memórias** de Pedro Nava. In: **Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas**; v. 21, 2004, p. 351-370.

CASTRO, Elisabeth Batista de. **O Ateneu** de Raul Pompéia: uma análise psicanalítica de suas personagens. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2010.

CORINGA, S.; GOMES, E.; MOREIRA, S. **O Ateneu**: um território marcado pelo bullying. In: **Quipus**, v. 2, n. 1, 20 fev. 2013, p. 47-54.

CORREA, R. A. História e crônica: Raul Pompéia e a série “Da Capital”. In: **História e Cultura**, Franca, v.1, n.1, 2012, p. 41-52.

CORREIA, Romualdo dos Santos. Espaços homossociais e a representação do sujeito homoerótico em **Bom-Crioulo** e **O Ateneu**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

CRUZ, Ana Carolina de Picoli de Souza. **O Ateneu de Raul Pompéia**: uma claustrotopia – espaço de discursos modeladores. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). - Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2010.

FARIAS, Izabely Barbosa. A jornada do herói Sérgio e dos outros meninos n’**O Ateneu**, de Raul Pompeia. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

FONTINELES, Witallo da Cruz. **Identidades (re)veladas**: a construção dos personagens homoeróticos em *O Ateneu*, de Raul Pompeia e *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

FRANÇA, Júlio. A cidade como espetáculo de sensações: o Rio de Janeiro em crônicas de Raul Pompéia. In: **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, nº 19, Janeiro-Junho de 2012, p. 86-89.

FRANCO, Bruno Brunelli Ferreira. As crônicas de Raul Pompeia n’**O Estado de São Paulo** (1891-1892): Estudo e Antologia. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, 2015.

IVO, Lêdo. **O universo poético de Raul Pompéia**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

JAPIASSU, Ricardo. A Presença de Pernambuco na Obra de Raul Pompéia. In: **Revista Ciência & Trópico**, Recife, v. 42, n. 1, 2018, p. 153-162.

LOPES E SILVA, Marciano. As ilusões perdidas de Raul Pompeia: a pomba e a estrumeira dourada. In: **Revista de Letras**, v. 43, n. 1, 2003, p. 163-181.

LUCAS, Fábio. As várias faces de Raul Pompéia em **O Ateneu**. In: **Revista Remate de Males**, n. 15, 2012, p. 13-31.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 75, fev. 2011, p. 77-88.

MONTEIRO, Pedro Meira. O domínio do sujeito: **O Ateneu**. In: POMPÉIA, R. **O Ateneu**. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das Letras, 2013, p. 7-26.

MORATO, Miriam Cristina Fernandes Bailo. O reflexo do cotidiano nas crônicas de Raul Pompéia: um olhar sobre a Crônica Jornalística-Literária. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade de São Paulo, 2010.

MOREIRA, Diego. Raul Pompéia e a questão Naturalista. In: **Caderno de Letras**, n. 27, jul.-dez., 2016, p. 74-92.

MURAKAMI, Raquel Yukie; NAKAGOME, Patrícia Trindade. A Leitura Literária, a Escrileitura Eletrônica: uma discussão a partir de **O Ateneu**, de Raul Pompeia. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 145-161, jul./dez. 2013.

NASCIMENTO, Danilo de Oliveira. Juventude republicana das notas de rodapé: as crônicas de Raul Pompéia. In: XII **Congresso Internacional da ABRA-LIC**, Curitiba, jul. 2011, p. 31-39. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0938-1.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2020.

NASCIMENTO, Danilo de Oliveira. Dossiê Sérgio: **O Ateneu** como romance de formação. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras). - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. **Representações da infância, da adolescência e da juventude nas crônicas e na prosa ficcional de Raul Pompeia**. 2011. Tese (Doutorado em Letras). - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

_____. A representação do espaço trágico em **Uma tragédia no Amazonas**, de Raul Pompeia. In: **Revista Recorte**, v. 12, n. 1, 2015, p. 1-16.

OLIVEIRA, Aline Aimée Carneiro de. “Canções sem metro” e “Missal”: as primeiras veredas do poema em prosa brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PELK, Samara Muller. Raul Pompéia: o [des]dobramento como crítico de arte. Florianópolis, SC, In: **Anais do XI Ciclo de Investigações** PPGAV/UDESC - 29, 30 e 31 de agosto de 2016, p. 22-33.

PASTA JÚNIOR, José Antonio. **Pompeia: a metafísica ruínosa d’O ateneu**. 1992. Tese. (Doutorado em Letras). - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

PINTO, Ana Maria de Senzi Moraes. **A construção do romance moderno de adolescência em Raul Pompéia e em Robert Musil**: em busca de uma visão didática. 2010. Tese. (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2010.

QUEIROZ, Thiago Bittencourt. Raul Pompéia ensaísta. In: REVELL, ISSN: 2179-4456 - 2016 v.1., ano 7, nº. 12 agosto de 2016, p. 44-61.

_____. A conformação do espaço em **O Ateneu e Doidinho**. 2014. Dissertação. (Mestrado em Letras). - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

QUINTALE NETO, Flávio. Ideias estéticas e filosóficas nos romances **O Ateneu**, de Raul Pompeia, e **Die Verwirrungen des Zöglings Törless**, de Robert Musil. 2007. Tese. (Doutorado em letras). – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. O debate dos gêneros e o romance **O Ateneu**, de Raul Pompeia. In: **Lusophone Konfigurationen**, 2012, p. 119-131. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002470. Acesso em: 28 de junho de 2020.

RIBEIRO, Tiago Santos; MARCHI, Rita de Cássia. **O Ateneu**: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompeia. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 339-360, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227369018>. Acesso em: 22 de junho de 2020.

SANDANELLO, Francisco Baptista. Observações preliminares sobre a técnica narrativa **n’O Ateneu**, de Raul Pompéia. In: **Carandá**, Corumbá, v. 3, 2012, p. 39-49.

_____. Internos e internados: educação e memorialismo em Raul Pompéia e Vergílio Ferreira. In: IV **Congresso Norte-Nordeste da ABRAPLIP**: caderno de resumos, 2012, Manaus: UEA **Edições**, 2012, p. 143-153.

_____. Raul Pompéia, personagem. In: XII **Congresso Internacional da ABRALIC**, Campina Grande - PB, 08-12 de julho de 2013, p. 1-10.

_____. **O escorpião e o jaguar**: o memorialismo prospectivo d’**O Ateneu**, de Raul Pompeia. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

_____. Em nome do Pai: autoritarismo e discurso patriarcal n’**O Ateneu**, de Raul Pompéia. In: **Rua**, v. 22, n. 1, 27 jun. 2016, p. 65-89.

_____. Opostos, mas justapostos: os dois lados da educação n’**O Ateneu**, de Raul Pompeia, e em **Falange Gloriosa**, de Godofredo Rangel. In: **Terra Roxa e outras terras**: revista de estudos literários, v. 30, dez. 2015, p. 85-96.

_____. Raul Pompeia, leitor de Baudelaire. Da teoria das correspondências às “Canções sem metro”. In: **Opiniões**, n. 3, 2011, p. 63-73.

SANTANA, Jeová da Silva. **O internato como modelo educacional segundo a literatura**: um estudo sob a perspectiva da teoria crítica. 2011. Tese (Doutorado em Letras). - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, Sidnei Xavier dos. **As metamorfoses de Raul Pompéia**: um estudo dos contos. 2011. Dissertação. (Mestrado em Letras). – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. **A conquista da forma**: o amadurecimento do conto no Brasil em Machado de Assis, Raul Pompeia e Lúcio de Mendonça. 2018. Tese. (Doutorado em Letras). - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, Tiago Ribeiro; MARCHI, Rita de Cássia. **O Ateneu**: uma análise dos mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompeia. In: **Educação e Realidade**, v. 3, jan-mar 2013, p. 339-360.

SILVA, André Luiz Barros da. Para além do literário (dois momentos: França do século XVIII e Brasil do XIX): de Sade a Pompéia. In: XII **Congresso Internacional da ABRALIC**, UFPR: Curitiba, julho de 2011, p. 1-8.

SILVA, Alex Rogério. Os traços impressionistas nas crônicas de Raul Pompéia. In: **Afluente**, UFMA/Campus III, v. 4, n. 14, p. 10-22, dez. de 2019.

SILVA, Gustavo Rocha Ferreira. Vibrar é viver: estética e cosmologia de Raul Pompeia em “Canções sem metro”. In: **Revista Garrafa**, v. 18, n. 52, abril-junho 2020, p. 6-30.

SILVA, Magali Lippert da. **A biblioteca de Sérgio**: a representação do irrepresentável. 2013. Tese. (Doutorado em Letras). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SILVA, Paulo Ricardo. As implicações da consciência do herói em **O Ateneu**: crônica de saudades, de Raul Pompeia. In: **Travessias Literárias**, v. 7, n. 13, 2017, p. 42-57.

SOUZA, Benedito Teixeira de. **Homoafetividade na infância na narrativa literária brasileira**. 2014. Dissertação. (Mestrado em Letras). – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SOUZA, Vinícius Santos de. **O Ateneu** e o naturalismo: convergências e rupturas. 2016. Dissertação. (Mestrado em Letras). - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

TEIXEIRA, Ivan. **Raul Pompeia**: cadeira 33. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2012.

TUNDISI, Alexandre. **Sérgios e Aristarcos**: apropriações de **O Ateneu** no campo educacional brasileiro. 2013. Dissertação. (Mestrado em Letras). - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. Representações da homossexualidade nos romances **O Ateneu**, de Raul Pompéia, e **O Cortiço**, de Aluísio Azevedo. In: **Revista Rascunhos Culturais**: Coxim, Minas Gerais, v. 4, n. 8, p. 179 - 200, jul./dez. 2013.

VALLE, Júlio de Souza. Os muitos mundos de **O Ateneu**. In: Revlet – Revista Virtual de Letras, Jataí, v. 2, n. 1, p. 95-110, 2010. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/23.pdf>. Acesso em: 27 de junho de 2020.

VIANNA, Márcia Aparecida Barbosa. **Crônicas de Raul Pompeia**: um olhar sobre o jornalismo literário do século XIX. 2009. Tese. (Doutorado em Letras). - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Raul Pompéia, Abílio César Borges e a escola brasileira no século XIX. In: **Revista Criação & Crítica**, n. 9, 15 nov. 2012, p. 38-51.

VALLEZI, Nanci de Souza. A ameaça em **O Ateneu**, de Raul Pompéia: um enfoque da gramática sistêmico-funcional. 2013. Dissertação. (Mestrado em Letras). - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. Metáfora e ideologia em **O Ateneu**, de Raul Pompeia: um enfoque crítico da linguística sistêmico-funcional. 2018. Tese. (Doutorado em Letras). - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, e também por estarmos tão habituados às teorias e análises que se desenvolvem de forma diacrônica, em que os mais antigos sedimentam as ideias em curso – ainda que nesse processo sejam sumariamente refutados –, julgamos necessário esclarecer

o estranhamento que possa ter causado a presença de Eagleton como estratégia introdutória de Araripe Júnior, crítico de Pompeia. Neste trabalho, resultado de leituras simultâneas, o crítico inglês, por se opor categoricamente à crítica dita histórica, serviu-nos como anteparo para que pudéssemos mostrar que Araripe, imerso em seu tempo histórico, ainda assim, vislumbrou abordagens que seriam postas em prática decênios depois, além de produzir uma crítica, especialmente esta dedicada ao *Ateneu*, que não se “encaixa” na reflexão de Eagleton, o qual reprova uma crítica histórica (e a literatura) que se figura *tout court* veículo de reprodução de ideologias cerceadoras e opressoras. Em suma, procuramos mostrar que Araripe, erudito em “Raul Pompéia – *O Ateneu* e o romance psicológico”, mostrou-se também combativo, indo de encontro às ideias de seu tempo, na medida em que desvelou ideologias entranhadas nas urdiduras da escrita pompeiana (falamos, nesse caso, do darwinismo presente em *O Ateneu*), algo que deu azo à sua abordagem psicológica.

No mais, quanto à primeira parte de nosso estudo, cabe reiterar que tanto Pompeia quanto Araripe, inseridos em seu tempo, comprovam o arrazoado de Otto Maria Carpeaux (2011, p. 39) ao afirmar que “a literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico, que obedece ao seu próprio ritmo dialético. A literatura não deixará

de refletir esse ritmo – refletir, mas não acompanhar”, de modo que, ao se pensar a crítica de Araripe, chega-se à conclusão de que “cumpre fazer essa distinção algo sutil para evitar aquele erro de transformar a literatura [e a crítica] em mero documento das situações e transições sociais.”

Por fim, quanto à segunda parte de nossa análise, certificamo-nos da exiguidade de estudos dedicados a Pompeia (vide itens ii e iii): após a consulta de dezenas de periódicos, constatamos que jornais de circulação nacional e regional, como *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *Correio Braziliense*, *Diário de Notícias*, Última Hora, Revista *O Cruzeiro* e tantos outros, nas datas comemorativas a Pompeia, nascimento e morte, sequer mencionaram o nome do autor celebrado por uma das obras mais insígnies da literatura nacional.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Amado; LIDA, Raimundo. El impresionismo lingüístico. In: BALLY at al. **El impresionismo en el language**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1956.

ARARIPE JÚNIOR. “Raul Pompeia: **O Ateneu** e o romance psicológico”. In: **Obra crítica de Araripe Júnior**. v. II. Rio de Janeiro: Casa Rio Barbosa, 1960, p. 125-177.

_____. “Raul Pompéia como esteta”. In: **Obra crítica de Araripe Júnior**. v. 3. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1963.

BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária. In: **Teresa**. Nr. 1, 1º sem. 2000, p. 9-47.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. São Paulo: Leya, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v.5. Era realista, Era de transição. São Paulo: Global, 2004.

_____. Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Coaut. de). **Obras**. Rio de Janeiro, RJ: FENAME; Oficina Literaria Afrânio Coutinho, 1981. (Coleção Vera Cruz, v. 324). p. 11-20.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1983.

FREADMAN. Richard; MILLER, Seumas. **Re-pensando a teoria**: uma crítica da teoria literária contemporânea. Tradução de Aguinaldo José Gonçalves e Álvaro Hattnher. São Paulo: Editora UNESP, 1994 (Biblioteca básica).

GARCIA, Othon Moacyr. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MOSER, W. Estudos literários, estudos culturais: reposicionamentos. **Literatura e Sociedade**, v. 3, n. 3, p. 62-76, 4 dez. 1998.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Editora Ática, 5ª ed. 1977. Série Bom Livro.

_____. **Crônicas do Rio**. Org. Virgílio Moretzsohn Moreira. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.

_____. **Raul Pompeia**: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico, por Mário Curvello. São Paulo: Abril Educação, 1981.

Recebido em: 25-08-2021.

Aceito em: 19-04-2022.